

ÁRVORE DA VIDA

Copyright © 2009, Alvanir B. de Carvalho

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sem a expressa autorização do autor, por quaisquer meios empregados - eletrônicos, mecânicos, fotográficos ou outros.

Todos os direitos da obra, reservados e protegidos pela Lei de Direitos Autorais n° 9.610/98

Conteúdo original da obra sob total e exclusiva responsabilidade do autor, dentro do que rege a Lei de D.A. 9.610/98

Primeira Edição em 1999

Alvanir B. de Carvalho

Rua Prudente de Moraes, 790

Ap. 302 - Ipanema

22420-040 - Rio de Janeiro - RJ

Telefone (0 xx 21) 2522-3569

e-mail: alvanirbezerra@oi.com.br



PoD Editora

Rua Barata Ribeiro, 322

Copacabana – Rio de Janeiro

Tel. 2236-0844

atendimento@podeditora.com.br

www.podeditora.com.br

Impressão e Acabamento: PoD Editora

Alvanir B. de Carvalho

ÁRVORE DA VIDA

Como se tornar um genealogista amador

Quarta Edição

Rio de Janeiro
Abril de 2008

Capa
Martha Schneidermann de Carvalho

Revisão do Texto/Comentarista
Geraldo Lobato Franco

Ficha Catalográfica

C254n Carvalho, Alvanir B. de

A árvore da vida: como se tornar um genealogista
amador / Alvanir B. de Carvalho. — Rio de Janeiro:

A. B. de Carvalho, 1999.

350 p.; 21 cm

ISBN: 85-901474-2-8

1. Genealogia. I. Título.

CDD: 929.1

CDU: 929.5

Catálogo na fonte – SITTAG
Setor de Informação Técnica e Tecnológica
sittag@openlink.com.br
Tel: (21) 587-1188
SENAI-RJ, CFP de Artes Gráficas

Sumário

PREFÁCIO I	7
PREFÁCIO II	9
APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	21
O QUE É GENEALOGIA?	26
GENEALOGIA FAMILIAR	40
QUEM FAZ GENEALOGIA?.....	54
COMO FAZER PARA MONTAR A ÁRVORE	
GENEALÓGICA	61
DE SUA FAMÍLIA?	61
RAMO ASCENDENTE OU RAMO DESCENDENTE?	104
POR ONDE COMEÇAR?	113
TRADIÇÃO ORAL	157
FORMULÁRIOS E TABELAS	195
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES	249
PUBLICANDO RESULTADOS	316
ANEXOS	332

PREFÁCIO I

O genealogista amador ALVANIR BEZERRA DE CARVALHO, assim confessado, referiu-se aos primórdios de sua vida nordestina, interessando-se por genealogia, procurando “saber quem era”.

Alvanir, estudioso e pesquisador nato do “hobby” genealógico, aproveitou os contatos com parentes mais idosos, assim como as diversas visitas e estágios que fez no exterior para anotar e guardar o que lhe despertava a curiosidade – genealogia. Ao atingir a idade propecta, Alvanir resolveu, em boa hora, ordenar seus arquivos e lançar o livro “A Árvore da Vida”.

É um livro voltado para os que desejam se iniciar na genealogia, ensinando os mínimos detalhes desse “hobby”: como pesquisar e levantar a sua árvore genealógica, não esquecendo de também abordar o tema de como solucionar os problemas que poderiam surgir em decorrência de suas pesquisas individuais. Neste livro, Alvanir indica o material necessário e indispensável ao trabalho de um genealogista amador, dando exemplos, bem como fornecendo modelos de muita utilidade para um genealogista iniciante.

Alvanir faz citações as mais diversas, dá exemplos de famílias que já têm Árvores Genealógicas, cita livros e programas usados em computador ou simplesmente fornece modelos de fichas de preenchimento manual que conduz aos mesmos resultados.

Escrito em linguagem facilmente compreensível por qualquer novato, **A ÁRVORE DA VIDA** é, certamente, o livro que estava faltando em nossa bibliografia sobre genealogia.

Joaquim Amarante Cosendey
Membro do Colégio Brasileiro de Genealogia

PREFÁCIO II

A ÁRVORE DA VIDA, do genealogista Alvanir Bezerra de Carvalho, é um vade-mécum para os candidatos a trilhar os caminhos da investigação genealógica.

Obra escrita com clareza e objetividade, procurando sempre estimular o leitor a prosseguir no desígnio de pesquisar os seus antepassados mostra, pela forma e apresentação, o embasamento do Autor na ciência, e por que não, na arte da Administração.

Trabalhos semelhantes são muito importantes, pois a genealogia contemporânea não mais contempla só a mera procura de nomes, locais, datas e “nobreza” de ancestrais, e sim, busca dados para inserir as pessoas no contexto sócio-econômico aos quais pertenciam em vida, facultando arrolar profissões, tendências artísticas, causa mortis, relações de parentesco e compadrio, bens e tudo o mais passível de objeto de investigação.

A **ÁRVORE DA VIDA** vem preencher grande lacuna ao abordar as noções básicas para uma pesquisa genealógica, uma vez que tal não é matéria de estudo em nossas escolas superiores.

Assim louvo o Autor pelo conteúdo e oportunidade do trabalho, certo do sucesso alcançável por todos os interessados em Genealogia, ao lerem **A ÁRVORE DA VIDA**, e nele se basearem para dar os primeiros (e fundamentais) passos nas sendas da pesquisa genealógica.

Attila A. Cruz Machado
Membro do Colégio Brasileiro de Genealogia

APRESENTAÇÃO



Terezinha e Alvanir
A família é a base de tudo.

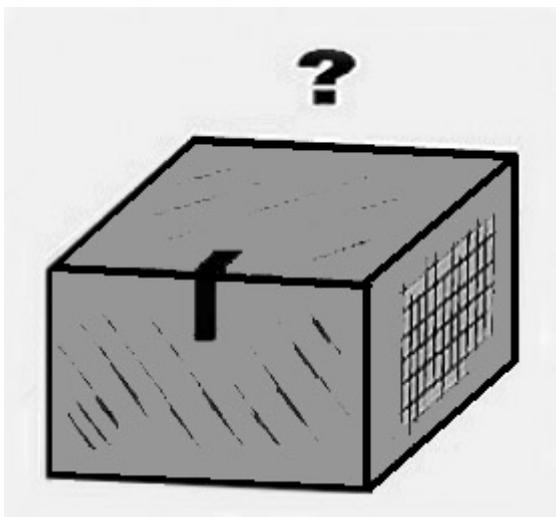
A formação de qualquer povo é o resultado das ações, tanto individuais quanto coletivas, dos cidadãos que o integram. Quero dizer, a história de um país, região, cidade, vila ou povoado é constituída pelo somatório das histórias dos seus cidadãos.

Consequentemente que, para que nos tornemos um grande povo, é preciso que as ações de hoje se espelhem naquilo que de melhor nos deixaram os nossos antepassados. Daí tornar-se imperativo que cada um de nós trate de cuidar em manter os registros da história familiar. Disso resulta que, ao cuidarmos da história da família, de certo modo estamos também cuidando da história do Brasil.

Ao nosso modo de ver, a história da família é melhor contada através da genealogia, objeto do presente livro.

A genealogia se constitui num “hobby” fascinante e atrativo para todos aqueles que cultuam a memória dos seus antepassados. Isso posto, na qualidade de genealogista amador, você estará cuidando tanto da história da sua família quanto, indiretamente, também estará contribuindo para o registro da história do nosso país.

E aqui um esclarecimento para os novatos: a genealogia não é uma ciência fechada, “uma caixa preta”, cheia de mistérios, e nem tampouco trás embutida algum tipo de “poção mágica”, somente acessível àqueles indivíduos especializados no assunto. Eu próprio, quando dei início aos estudos e levantamentos em busca do passado familiar, sentia falta de confiança nas ações que pretendia executar, uma sensação esquisita, como se estivesse invadindo um domínio exclusivo de velhos e sisudos profissionais, que eu imaginava pertencerem a alguma confraria secreta ou, no mínimo, de difícil acesso aos vis mortais.



A GENEALOGIA NÃO É UMA “CAIXA PRETA”, ACESSÍVEL APENAS AOS INICIADOS NOS SEUS MISTÉRIOS

Em verdade, confesso que, durante muitos e muitos anos, inseguro quanto aquilo que estava começando a fazer, mantive em relativo segredo

estas minhas “intenções profanas”. Era como se estivesse perturbando um território sagrado, proibido àqueles que não haviam sido devidamente iniciados na magia das regras de conduta de uma profissão muito antiga e honrada, pelo que tudo aquilo se me parecia difícil e distante.

O pior disso era a falta de informações. Por mais que procurasse, não existiam livros específicos, editados em português, sobre um tema tão interessante e útil, que é a genealogia. Anos mais tarde, já dominando a língua inglesa, ao ter acesso a livros estrangeiros – pois que no Brasil este assunto parece não ter merecido a devida atenção por parte daqueles que, de fato entendem do riscado – os novos conhecimentos por mim adquiridos tiveram o dom de revelar que, aquilo que eu antes considerava um segredo profissional, na verdade nada mais era do que o meu desconhecimento puro e simples das coisas banais que eu teria que fazer. E são esses “conhecimentos de coisas banais” que ora estou querendo compartilhar com você.

Genealogia amadorística é isso, você olhando ao redor e passando a considerar os seus antepassados como algo mais do que simples nomes de indivíduos amorfos, que você viu registrados numa folha de papel qualquer, ou sobre os quais algum membro mais antigo da família lhe contou uma história curiosa.

Genealogia é conectar gerações, aproximar pessoas, “dar vida” àqueles que já se foram, compreendendo a ambiência histórico/sócio/econômica e cultural de cada período, sob a perspectiva específica de cada época distinta.

Nos EEUU, ao contrário daquilo que ocorre no Brasil, o interesse pelos estudos e levantamentos genealógicos é de tal modo intenso que, vez ou outra, algum dos principais canais de TV, daquele país, lança ao ar um programa específico, sobre o assunto.

Não sei qual a motivação que leva você a enveredar pelos meandros da genealogia. Todavia, se você resolveu dar início a um projeto desse tipo pela satisfação de melhor conhecer seus antepassados, então você está no caminho certo pois que, para os genealogistas, a família é muito importante.

CADA UM DE NÓS DEVERIA ESTUDAR O PASSADO DE MODO A MELHOR COMPREENDER O FUTURO

Durante muitos e muitos anos de minha juventude, eu acreditava que os estudos genealógicos estavam ligados exclusivamente às histórias das famílias nobres, ou então era coisa do interesse exclusivo das grandes famílias tradicionais, a exemplo das famílias dos Donatários das Capitâneas Brasileiras, ou das famílias dos Governadores Gerais, da época da colônia, e outras famílias do mesmo gênero. Todavia, o meu interesse particular pelas histórias da minha própria família data de algumas décadas. Em verdade, quando eu tinha apenas 14 para 15 anos (1948 ou 1949), ainda estudante do Ginásio Alfredo Dantas, morando em Campina Grande, na Paraíba, já gostava de ficar em casa, nos finais de semana, lendo sobre a vida e as aventuras de terceiros – Napoleão, Aníbal Barca, Alexandre Magno, os Césares, e muitos outros – e também fazendo perguntas aos meus pais sobre as histórias da nossa própria família.

Por sorte que eu fazia anotações de tudo quanto ouvia. Meu pai, que em sua juventude havia sido uma espécie de cangaceiro nordestino, e que havia perambulado por sítios diversos, revelava-se uma figura curiosa, uma rica fonte de informações, o mesmo também ocorrendo com minha mãe, que também me contava as histórias da família dela.

Trinta anos depois, ao ler o livro “Roots/Raízes”, de autoria do negro norte-americano Alex Haley, um descendente de escravos africanos que pesquisou sobre as origens de sua própria família, cheguei à conclusão de que também eu, você ou qualquer um de nós que assim o desejasse, poderia “passar para o papel” a história da família, sem outras preocupações fúteis quanto ao fato de existirem ou não, Príncipes, Condes, Duques ou Barões.

Anos mais tarde, agora aluno de pós-graduação numa Universidade dos Estados Unidos, comprei alguns livros sobre genealogia. Pronto! O meu destino estava traçado. Eu tinha que fazer alguma coisa



João Candido, Christianne e Vovó Esther – Rio, 1977

sobre este assunto.

SEUS ANTEPASSADOS FORAM INDIVÍDUOS DE CARNE E OSSO

Cabe lembrar que, à medida em que ia coletando dados e informações sobre os antepassados, eles foram se transformando, deixando a condição de simples nomes de referência familiar para adquirir a consistência de “indivíduos de carne e osso”, que nasceram, cresceram, viveram, trabalharam, lutaram, amaram, procriaram e nos deixaram uma história para ser contada.

É curioso ressaltar o fato de que, à medida em que ia descobrindo informações sobre meus antepassados, passei também a sentir como se eu os tivesse conhecido pessoalmente, vivenciando seus problemas, suas ansiedades, suas vicissitudes. Já não eram apenas o meu avô ou bisavô – uma referência fria e distante a pessoas que eu nunca cheguei a conhecer – mas sim “parentes próximos”, pessoas por quem passei a nutrir uma certa amizade e admiração, admiração essa que se multiplicou ao máximo, quando descobri algumas facetas curiosas do passado de cada um deles, a exemplo da história da minha bisavó Rosa Almeida dos Anjos, uma mestiça índia que, digamos assim, com 27

anos de idade, já considerada “moça velha”, ao sentir-se apaixonada por um jovem português, dez anos mais novo do que ela, num desespero de causa, raptou “o noivo”, forçando o casamento.

Casamento forçado ou não, o fato é que meus bisavôs paternos viveram juntos mais de 50 anos, de cuja união nasceram oito filhos, muitos netos e bisnetos (eu, inclusive).

Outrossim, os estudos e levantamentos genealógicos realizados por mim também contribuíram para que passasse a encarar a história geral sob um novo prisma, visto que, segundo eu o entendo, a História é, de fato, feita por gente, muita vez um antepassado meu ou seu.

O presente livro é o resultado de centenas de anotações feitas por mim no decorrer das pesquisas realizadas ao longo de mais de quarenta anos em que, de maneira esporádica e irregular, numa espécie de “vôo cego”, persegui o propósito de montar a ÁRVORE GENEALÓGICA da minha própria família, com vistas a deixar registrada a nossa história, um legado para os meus filhos e netos.

Se me deixei seduzir pela esperança de ver aquelas anotações transformadas no presente livro foi motivado pelo fato de constatar que publicações desse gênero são praticamente inexistentes, no Brasil,



país de memória curta, que parece não valorizar o passado.

Christianne e João Candido, filhos do autor.

Este livro é voltado para o genealogista amador. Seu propósito é tão somente aquele de ajudar os candidatos a genealogistas – inclusive aquelas pessoas sem qualquer experiência anterior no assunto – a realizar estudos e levantamentos confiáveis, que lhes possibilitem reconstituir, de modo rápido e fácil, a história particular de sua família.

Ele é dedicado àqueles indivíduos que, assim como eu mesmo, inexperiente quando me iniciei no assunto, ainda assim se interessam pela genealogia com o objetivo de montar a Árvore Genealógica de uma determinada pessoa que, inclusive, poderá ser a sua própria, a dos seus filhos ou netos, ou a Árvore Genealógica de terceiros.

Através deste livro procuro mostrar aos leitores e futuros colegas, genealogistas amadores assim como eu, quais os cuidados e estratégias destinadas a facilitar o trabalho de descobrir e identificar seus ancestrais.

Este livro também se propõe ensinar a terminologia utilizada pelos genealogistas profissionais, bem como descrever seu conteúdo, usos e disponibilidades.

Se você está se iniciando na arte da genealogia, ou então já vem realizando pesquisas do gênero, por conta própria, e gostaria de “comparar notas”, de modo a verificar se aquilo que você está fazendo é correto ou se necessita de um novo direcionamento, então este livro poderá ajudá-lo nesse sentido.

Qualquer um que, ainda que sem experiência anterior no assunto, se disponha a seguir – ou adaptar – a orientação simples e despretensiosa, contida no presente livro, certamente irá completar, a contento, a tarefa de montar uma Árvore Genealógica de modo satisfatório. Espero que, desse modo, possa preencher uma lacuna daquilo que me parece ser um vazio no campo editorial nacional, contribuindo, de algum modo, para o resgate permanente da história familiar de cada um de vocês e, indiretamente, da história do Brasil, como um todo.

Porém, atenção! Não sou e nem pretendo apresentar-me como sendo um profissional do ramo, dotado de um cabedal incomensurável de conhecimentos no assunto. Tampouco tenho a veleidade de querer dizer que este livro é bom, ou que é o mais completo do gênero. Também quero deixar bem claro o fato de que, ao me propor a escre-

ver tal livro, não me preocupei com a possibilidade eventual de estar desobedecendo ou violando qualquer preceito formal, da genealogia clássica ou tradicional, por mim desconhecido.

Em verdade, porém – os genealogistas profissionais que me perdoem esta acusação – cansado de procurar, em vão, alguma literatura útil, na língua portuguesa, sobre esta interessante área do conhecimento humano, acabei tendo que reunir dados e informações colhidas em diversas publicações estrangeiras, resultando num acúmulo de conhecimentos que considero de utilidade para os novatos, assim como eu fui, no passado.

E foi assim que, pensando nos demais colegas genealogistas amadores, acabei decidindo elaborar o presente livro tendo em mente dois objetivos distintos:

I – desmistificar e difundir conhecimentos relativos a uma atividade em si mesma muito interessante e atrativa, e

II – colocar ao alcance de qualquer um que se disponha a tentar desvendar o passado familiar recente, um conjunto de orientações práticas e úteis.

Este, por conseguinte, não é o livro indicado para os especialistas no assunto, que certamente dele não irão necessitar. É um livro voltado para o curioso-amador, aquele que, desejando caminhar com mais segurança, “cortar caminhos” e ganhar tempo, se proponha a “subir na Árvore de Costados da família, até onde possa alcançar a memória dos membros mais antigos para depois montar a Árvore Genealógica correspondente, sem qualquer preocupação em saber-se descendente de pessoas nobres, de sangue azul, mas sim o produto de simples mortais que nos deram origem – sejam eles brancos, pretos, amarelos ou índios – e que merecem o nosso respeito e a nossa admiração.

O presente livro, por conseguinte, objetiva servir-lhe de guia e de orientação sobre o como fazer para avançar na tarefa de tentar descobrir seus antepassados. Através dele você tomará conhecimento de algumas providências a serem adotadas e de como fazer para atin-

gir seus objetivos com maior rapidez e eficiência.

Através de sua leitura, você também tomará ciência de alguns



Seutino, NOV 1949

princípios básicos da pesquisa genealógica profissional.

Faustino de Souza Carvalho, mistura de sangues
indígena e português, pai do autor.

Na qualidade de “genealogista amador”, os estudos e levantamentos ora iniciados por você constituirão uma demonstração cabal do seu apreço por seus antepassados.

Tenho a mais absoluta certeza de que o presente livro irá servir-lhe de guia e de companheiro útil no decorrer dessa interessante jornada em busca de suas origens.

Ao levar adiante este projeto, você estará não apenas “olhando para o passado” mas também, segundo eu o entendo, com “um olho no futuro”. Eu, por exemplo, ao me decidir por toda essa trabalhadeira, só o fiz com vistas a deixar um legado para os meus netos e seus futuros descendentes.

Não sendo eterno sei que, um dia, inevitavelmente, também vou morrer. Não desejo que isto ocorra de imediato, porém, quando a natureza seguir seu curso e tal coisa suceder, espero ter deixado para os

meus descendentes a minha pequena contribuição das lembranças do passado. Do contrário, daqui a cem anos, quem irá se recordar de mim?

Foi pensando nisso que decidi deixar-lhes um legado: os levantamentos que me possibilitaram organizar a *Árvore Genealógica* da minha própria família, até os meus dias. Quem vier depois que trate de levar avante este projeto, acrescentando as novas informações que se sucederão e que eu não poderia adivinhar quais seriam pois que, conforme costume dizer, se eu tivesse o dom da adivinhação, antes de mais nada “jogaria na loteria” e faturaria um dinheirinho extra, para o meu próprio deleite imediato. Certo?

– E quanto a você?

– **Daqui a cem anos, quem irá se lembrar da sua família?**

O Autor

INTRODUÇÃO

Todo livro que se preze tem uma introdução. Não faremos exceção à regra. Todavia, em vez de ir logo anunciando o propósito deste livro, decidi abordar a introdução pelo método indireto, fazendo algumas perguntas e questionamentos pertinentes à genealogia de sua família, a exemplo das seguintes:

- Você conhece suas raízes?
- Sabe quem foram seus ancestrais?
- Em que época viveram?
- Onde viveram?
- Como eram eles?
- Qual a profissão que exerciam?
- De onde vieram?
- Quando casaram, onde e com quem?
- Qual a religião professada?
- Que grandes fatos históricos poderiam estar por trás deles?
- Sabe o que é Pedigree?
- Sabe o que é Árvore de Costado?
- Sabe o que é uma Tabela de Ascendentes?
- Sabe o que é Numeração Ahnentafel?
- Já montou a Árvore Genealógica de sua família?

Caso você tenha respondido “**SIM**”, para todas as perguntas acima, então você é um “expert” no assunto, pelo que certamente pouco ou quase nada terá a ganhar lendo o presente livro. Entretanto, se pelo menos duas ou mais de suas respostas tiverem sido “**Não**”, então vale a pena lê-lo.

PARA A GENEALOGIA NÃO EXISTEM RICOS OU POBRES, MAS SIM SERES HUMANOS COM UM PASSADO.

Conhecendo Seus Antepassados

Estudos genealógicos são divertidos e gratificantes. Ao tentar montar o “pedigree” da família ou escrever sua história, você terá a chance de melhor conhecer seus antepassados, de valorizar seus feitos, de desenvolver maiores apreciações por aquelas pessoas e, indiretamente, também ficar conhecendo melhor a história da sua cidade, da sua região, do seu país, pois que falar sobre genealogia é o mesmo que falar sobre ascendência, descendência, linhagem, “pedigree”, etc. É falar sobre família, sobre parentesco, sobre relações familiares.

Estão errados aqueles que acreditam que somente os descendentes de famílias nobres podem ter uma *Árvore Genealógica*. Conquanto, por tradição, eram os “nobres” quem usualmente se interessavam por estudos e levantamentos dessa natureza, fato é que “os pobres” também têm um passado, uma história familiar para contar.

Alex Haley, autor do romance “Raíces” – mais tarde transformado num filme de sucesso, exibido tanto no cinema quanto na Televisão – provou que, não obstante o fato de ter sido ele um simples descendente de escravos, ainda assim sua gente tinha uma história familiar exclusiva, que lhes era própria, para contar.

O presente livro contém sugestões destinadas a ajudar qualquer pessoa interessada em genealogia a dar os passos mais acertados nessa direção. Ele se propõe fornecer orientação básica sobre os procedimentos e métodos adequados, indicando caminhos seguros de comportamento no decorrer das pesquisas a serem realizadas por você, assim como também revelando alguns pequenos truques da profissão.

Este livro foi organizado com a finalidade de facilitar sua tarefa de montar sua **ÁRVORE GENEALÓGICA** ou a de alguma família do seu interesse. Através de sua leitura você provavelmente irá encontrar respostas para a maioria das indagações que costumam serem feitas por pessoas interessadas neste palpitante assunto.

Descobrir seus antepassados pode ser uma experiência muito agradável e enriquecedora. Não lhe parece uma perspectiva “interessante”?



Maria Apolônia de Menezes Campos (avó materna) e sua filha, Esther (mãe do autor).

Um alerta, porém: ao dar início ao seu levantamento genealógico, não se preocupe em procurar saber se em suas veias corre o sangue de algum duque, príncipe ou outro tipo de nobre. Se, no final do seu levantamento, você descobrir que não descende de nenhum Conde, Duque ou Barão, não se preocupe com isso. Tenha em mente que uma quantidade surpreendente de títulos da nobreza foram conseguidos “na cama”, ou a troca de serviços infames, pouco honrados.

Numa sociedade republicana, democrática, igualitária e pluralista, como aquela que se vive no Brasil, os “feitos individuais” no comércio, nas artes, na indústria, nos esportes ou em outras profissões, são mais importantes do que titulações de nobreza, isto é, as famosas “cartas de brasão”. Para mim, que me considero “um homem do povo”, foi suficientemente gratificante descobrir quem foram os meus antepassados, pessoas de carne e osso, assim como eu e você, porém que,

através dos levantamentos procedidos por mim, perderam o “anonimato”, passando a ser “gente igual à gente”, com suas vicissitudes, seus vícios ou prazeres, suas conquistas e/ou fracassos inesperados.

CERTAMENTE QUE TAMBÉM VOCÊ TERIA UMA HISTÓRIA FAMILIAR PARA DESVENDAR E CONHECER.

No passado, quando praticamente todo mundo era analfabeto, a diferença “genealógica” entre ricos e pobres estava em que os ricos podiam pagar para que a história da família fosse registrada por algum escriba profissional, um genealogista (também conhecido por linhagista). Uma vez que, hoje em dia, ricos e pobres têm a mesma chance de aprender a ler e a escrever e, numa sociedade democrática, estão no mesmo pé de igualdade, você, ainda que sem qualquer titulação de nobreza na família, poderá tornar-se o “escriba voluntário” de sua própria família, tal qual me tornei o escriba da minha.

Quebra-Cabeças

Você, ou qualquer outro elemento de sua família, poderá fazer o levantamento genealógico nos moldes aqui recomendados. Porém esteja preparado. Um levantamento genealógico pode ser comparado a um “quebra-cabeças” da vida real, no qual as peças a serem encaixadas são justamente os seus antepassados.



Começa-se juntando e encaixando “pedacinhos de informações” aqui e ali. Todavia, poderá ocorrer que algumas das informações coletadas não parecem ter qualquer sentido lógico, aparente. Caso você se depare com alguma coisa desse tipo, não fique desapontado. Algum tempo mais tarde, quando os grandes blocos de informações começarem se ajustar uns aos outros é que aquele pedacinho de informação aparentemente desconexa irá se encaixar às demais, possibilitando formar um quadro geral mais nítido, você sentindo-se recompensado pelo esforço, tempo e dedicação à causa dos seus antepassados.

Sugestões Válidas

Vivemos numa democracia e, num regime democrático, desde que não violando a Lei e nem prejudicando terceiros, cada um de nós faz o que quer e como bem o entende. Além disso, cada um tem seu próprio estilo de fazer as coisas.

Isto também se aplica aos estudos e levantamentos genealógicos que você ora está iniciando pelo que, a fim de manter-se realmente livre, tudo aquilo que você ler neste livro deverá ser considerado apenas como “sugestões válidas” e nunca como uma obrigatoriedade de sua parte, você podendo adotá-las ou não, ou então sentir-se livre para modificá-las, adaptando-as ao seu próprio estilo pessoal ou às suas necessidades particulares.

Quem sabe, você não idealiza um sistema mais prático e de resultados também garantidos?

Capítulo 1

O QUE É GENEALOGIA?

1 – POR QUE FAZER GENEALOGIA?

São inúmeros e variados os motivos que justificam eu ou você nos dedicarmos aos estudos e levantamentos genealógicos. Cada um de nós possui suas próprias justificativas.

Por exemplo, alguns genealogistas amadores o fazem como passatempo. Outros o fazem com o objetivo de manter e preservar as recordações do passado familiar.

Também tem aqueles que, verdadeiros detetives sociais, se deleitam em rastrear as raízes da família, inclusive tentando identificar e localizar parentes distantes, de há muito afastados do convívio familiar.

Os mórmons o fazem por motivos de caráter religioso.

Não importa qual o motivo. O que nos cabe ressaltar é o fato de que, ao dedicar algum tempo ao levantamento genealógico de sua família, afora constituir uma atividade prazerosa, tal fato certamente irá proporcionar-lhe a satisfação de poder deixar um legado para as gerações futuras.

Afinal, se é tão difícil fazer, hoje, o levantamento genealógico amadorístico de sua família, quando ainda estão vivos tantos dos seus parentes mais velhos, conhecedores da história familiar, o que você imagina poderá ocorrer daqui a cem anos, quando algum futuro descendente demonstrar interesse pelo assunto e não mais tiver a quem recorrer?

Eu, por exemplo, estou perfeitamente ciente de que nem todos os parentes da minha geração demonstraram qualquer interesse maior pelo assunto genealogia. Todavia, daqui a cem anos, se algum dos meus descendentes quiser saber quem éramos nós, nos dias de hoje, assim como os ancestrais do passado recente, certamente que terão a quem recorrer, qual seja o legado escrito que estarei deixando para eles.

2 – DE ONDE VENHO?

Você, como ser humano que é, não passa de uma simples partição dos cromossomos de outros indivíduos, que o antecederam – seus ancestrais – constituindo a representatividade atual de uma longa história familiar, um fato que vem se perpetuando à séculos e séculos, desde os tempos de Adão e Eva, nossos ancestrais mitológicos.

Você nem ao menos se apercebia desse fato até que, de repente, movido por sentimentos nostálgicos, desejando fugir do anonimato massificante, da vida moderna, nas grandes cidades, diante da notícia do falecimento da Tia Carmita, do Tio Anselmo, da Tia Rosinha ou de algum outro parente mais velho, você se volta para o passado, em busca de suas raízes, em busca dos seus ancestrais. Você se pergunta:

- Quem Sou?
- De Onde Venho?
- Quem foram os meus antepassados?

O pior é que a Tia Carmita, o Tio Anselmo, a Tia Rosinha, seu pai, sua mãe, seus avôs recentemente falecidos, ou algum outro dos tios mais antigos, eram justamente aqueles seus parentes que mais pareciam conhecer a história da vida dos seus familiares que já faleceram. Agora que também eles se foram, tendo em vista ser impossível recuperar as informações registradas no “disco rígido” da memória daqueles que já faleceram, o que fazer para corrigir a situação?

- Apelar para um centro espírita?
- Pedir a algum médium para “psicografar” esse tipo de informações?
- Chorar de tristeza, diante da perda irreversível?

Dá para perceber o ponto onde quero chegar?

Não Protele Seu Levantamento

Os estudos e levantamentos genealógicos – sobretudo levantamentos do tipo amadorístico – tomam por base informações obtidas

com parentes mais idosos. Através desse tipo de informações ser-lhe-á possível fazer uma projeção genealógica do tipo simples, que resulte na rápida identificação daquelas pessoas que lhes deram origem.

Todavia, se aqueles seus parentes mais idosos falecerem antes de você ter tido a oportunidade de conversar com eles, estará perdida a chance de obter um monte de informações úteis aos seus propósitos. Caso isso ocorra, chorar pelo leite derramado não adianta muito, mormente em se tratando de informações irrecuperáveis devido ao falecimento daqueles seus parentes.

Por isso que lhe digo, sentimentalismo posto de lado, caso você intencione fazer um levantamento genealógico da sua família, trate de executá-lo o quanto antes, enquanto o pessoal mais antigo ainda vive. Procure estabelecer algum tipo de contato com os tios e tias mais idosos, entreviste-os, faça-lhes perguntas, o mesmo se aplicando a algum avô ou avó, eventualmente ainda vivos.

Não perca tempo. A “lei dos grandes números”, da estatística demográfica, indica que as pessoas mais idosas, de qualquer família, tendem a morrer antes dos elementos mais jovens. Isso posto, caso você demore muito em se decidir procurar pelos elementos mais antigos de sua família, poderá ocorrer que, quando você sair a procurá-los, já seja tarde demais, aqueles seus parentes idosos tendo levado para o túmulo informações valiosíssimas sobre a história da família, histórias essas que eu acredito eles certamente teriam tido a maior satisfação em compartilhá-las com você e, por seu intermédio, com as gerações futuras.

3 – GENEALOGIA AMADORÍSTICA

Pesquisas genealógicas constituem uma atividade fascinante, e podem ser realizadas, inclusive, com o objetivo de contribuir para preservar a história de uma cidade ou de uma região, ou então conduzidas tendo em vista identificar os descendentes de um certo herói popular ou realizadas com o mero propósito de conhecer os seus próprios antepassados, não importando muito quem tenham sido eles, se condes, duques ou barões.

A genealogia, por conseguinte, serve para revelar, numa ordem natural das coisas, as origens dos nossos antepassados.

O PRINCIPAL APELO DA GENEALOGIA É A SENSAÇÃO
DE CONTINUIDADE, DE PERTENCER,
QUE PROPORCIONA AOS INDIVÍDUOS POR ELA
IDENTIFICADOS.

Preocupação de Reis e de Plebeus

No período da Idade Média, com raríssimas exceções, somente aqueles indivíduos pertencentes a famílias nobres (as assim denominadas pessoas de sangue azul) é que se interessavam pela genealogia. Todavia, modernamente falando, a genealogia vem se constituindo num “hobby” muito popular, podendo ser praticada por eu, você ou qualquer outra pessoa interessada no assunto.



Nota: por falar em “sangue azul”, este era um termo muito utilizado pelos membros da nobreza, até a virada do século XX, numa referência a pretensão dos indivíduos pertencentes às famílias dessa classe em se distanciarem do povo. Em verdade, alguns reis e imperadores do passado chegavam a acreditar, piamente, que o sangue que lhes corria nas veias era diferente do sangue dos vis mortais. Conta-se, por exemplo, que o imperador romano Galígola – um tirano sanguinário – ao ser trespassado pela lança de um soldado da sua própria Guarda Pretoriana, demonstrou maior surpresa ao ver a cor do sangue que brotava do ferimento – evidentemente que vermelho – do que com a perspectiva de perda da vida.

Contando Mentiras

Atenção para um pequeno detalhe: não utilize a genealogia para “forçar a barra” e, através de “estórias” mentirosas, tentar mostrar que você é o que de fato não é. Quero dizer, não distorça suas origens com a finalidade intencional de se mostrar descendente de alguma figura de projeção, do passado. Além de mentirosa, tal informação constitui, no meu entender, um desrespeito aos seus ancestrais verdadeiros, pessoas que você estará renegando.

Alguns indivíduos, mormente os assim denominados “novos ricos”, arrivistas invejosos que não sabem dar valor aos próprios méritos, tendem a contratar os serviços profissionais de especialistas no assunto, objetivando mandar proceder ao levantamento genealógico das origens de suas famílias, tendo em vista procurar assegurar, para si mesmo, ou para seus descendentes, ligações de consanguinidade com personagens famosos, da região de onde se originaram, ou até mesmo com algum membro da nobreza. Muito raramente tais pretensões se revelam verdadeiras.

NÃO SE UTILIZE DA GENEALOGIA PARA CONTAR HISTÓRIAS MENTIOSAS

Com efeito, em todas as épocas e em todo lugar sempre existiram indivíduos desonestos, inescrupulosos, pelo que são frequentes descobrir-se falsificações – ou pelo menos distorções fraudulentas – de levantamentos genealógicos realizados por profissionais vendilhões, resultando em que indivíduos posudos e presunçosos acabem se fazendo passar por parentes – ainda que muito distantes – deste ou daquele personagem importante da história do país.

É fato conhecido e muito citado, nos Estados Unidos, o comportamento amoral de um certo genealogista francês – cujo nome não será mencionado aqui – o qual, se apercebendo do espírito fútil de alguns “novos-ricos” norte-americanos, sempre que recebia uma encomenda para um levantamento genealógico de grande envergadura – e para o qual cobrava “rios de dinheiro” – aquele genealogista desonesto “torcia” o resultado da pesquisa realizada de modo a que o resultado final revelasse, ainda que fraudulentamente, conforme posteri-

ormente foi comprovado, que o certo fulano (o cliente que contratou seus serviços a peso de ouro) era parente, ainda que em grau longínquo, do General George Washington, ou de Thomas Jefferson, ou de um outro figurão, qualquer, ligado à história dos Estados Unidos.

E foi agindo assim que, propositadamente, o tal genealogista confundiu a história verdadeira de várias famílias do grande país do norte, cujos descendentes, uma vez conhecidos os métodos desonestos do falso pesquisador, não confiam nos dados e informações que lhes foram apresentadas, sabidamente adulteradas e fraudulentas.

Encare a genealogia como sendo coisa séria, cujos resultados deverão, acima de tudo, revelar seus antepassados como pessoas humanas que foram, e não como símbolos de uma fantasia oportunista de algum “alpinista social”, ávido por um falso reconhecimento, que não lhe é devido.

4 – PREOCUPAÇÕES GENEALÓGICAS DE OUTRAS CIVILIZAÇÕES

A preocupação com as origens familiares dos seres humanos data de séculos e séculos, Evidentemente que, em tempos imemoriais, quando a maioria das populações de qualquer país antigo era constituída de analfabetos, na qual os métodos de registro de dados e de informações custavam muito caro (Nota: referimo-nos, por exemplo, ao processo de entalhar dados e informações em pedras lisas, como faziam os antigos Egípcios, ou então registrar tais dados em tabuinhas de barro cozido, como faziam os sumérios, os babilônios e os caldeus) somente a descendência oficial dos reis merecia cuidados especiais.

Na idade média, a técnica da escrita em peles curtidas de animais (denominados pergaminhos) e também em folhas de papiro (um antecessor do papel de hoje), de custo mais acessível do que as gravações em pedra, contribuiu para que também as famílias nobres e/ou abastadas passassem a se interessar pelo assunto. Todavia, somente após o invento do papel, como hoje o conhecemos e utilizamos, e sobretudo numa decorrência do aperfeiçoamento da tipografia, por Gutenberg, foi que a edição de livros sobre genealogia tornou-se acessível ao cida-

dão comum, resultando no aparecimento de publicações as mais diversas sobre o assunto.

Outrossim, ao contrário do que poder-se-ia pensar, em todas as civilizações, os povos das mais diversas regiões do globo terrestre também demonstram forte apreço pela genealogia. Veja, a seguir, algumas informações curiosas, sobre o assunto.



China

A China é um país em que, por tradição, seu povo cultua a veneração dos ancestrais. Estima-se que essa tradição date do início da dinastia Chou, que tomou o poder naquele país por volta do ano de 1.122 antes da era Cristã, quando teve início o costume local de sucessão ao trono através da “linhagem paterna” e não mais através da “linhagem fraterna”, até então em vigor. Além disso, no decorrer do século VI, antes de Cristo, o sábio Confúcio editou um código de ética social através do qual o relacionamento pai e filho passou a ter muita importância. Em função disso, os nobres chineses passaram a queimar incenso nos altares dos templos, reverenciando seus ancestrais, cujos nomes eram então respeitosamente pronunciados.

Por oportuno, cabe lembrar que o “pedigree” mais antigo, de linhagem contínua, até os dias de hoje, é o de K’ung-Fut-zu (que é o nome oficial do sábio Confúcio), havendo descendentes dele, pela linha parental paterna, até a 86a geração – dois cidadãos residentes na ilha de Formosa, ou Taiwan.



Índia

Quando Vasco da Gama chegou à Índia, 500 anos atrás, encontrou uma rica e florescente sociedade distribuída por algumas centenas de pequenos reinos de maior ou menor importância. Nas cortes da maioria daqueles dirigentes locais, denominados de Marajás (Maharajah, em inglês), era costumeiro existirem escribas especializados na manutenção dos registros genealógicos da família reinante. Conhecidos por “bath” e/ou também “chaman”, cabia àqueles escribas declamar, em voz alta, no decorrer das cerimônias oficiais do reino, a linhagem e os feitos memoráveis dos ancestrais daquele governante.

Japão

As classes dominantes japonesas sempre demonstraram muito apreço pela linhagem dos seus ancestrais. No século III, da nossa era, o clã dos Yamato assumiu o poder em Yedo (nome antigo da cidade de Tóquio) sendo que, ainda hoje, dezenas de gerações mais tarde, um membro da família Yamato continua sendo o Imperador do Japão, pelo que poder-se-ia dizer que a família imperial japonesa é a que possui a casa real hereditária mais antiga do mundo.

Também cabe lembrar que, à partir do ano de 815, da nossa era, um édito imperial determinou que apenas indivíduos integrantes das famílias nobres poderiam ocupar os principais cargos públicos, resultando em que, à partir daí, os membros da nobreza passassem a cui-

dar, com mais atenção, dos respectivos “pedigrees”, agora confiando essa tarefa ao encargo de genealogistas profissionais. Uma outra decorrência desse fato foi que também a classe dos Samurais – guerreiros profissionais – e a dos sacerdotes Shinto, passassem a exigir comprovações genealógicas específicas daqueles indivíduos que pretendessem ingressar em suas hostes.

Nota: voltando a abordar o tema das falsificações, no romance Os Sete Samurais, um dos personagens tentava se passar por samurai. Todavia, sendo ele analfabeto, conduzia, sem o saber, um pergaminho que alegava ser a prova de sua origem. Entretanto, ao examinar o referido pergaminho um dos samurais de verdade descobriu que o mesmo referia-se a um garoto com poucos anos de vida, e não a um adulto, como seu portador.

Povo Judeu

Desde a época dos antigos hebreus, mais de cinco mil anos atrás, o povo judeu sempre demonstrou grande preocupação com o assunto. Segundo eles, o tronco básico do seu povo é constituído pelas 12 tribos mencionadas na Bíblia, cujos patriarcas, e seus descendentes, são de todos conhecidos.

Países Árabes

Entre os árabes, os atributos genealógicos também sempre foram muito importantes, mesmo antes do aparecimento do Profeta Maomé (Mohamed), em 622 – que é o ano da Hégira, ou fuga. Entretanto, entre os árabes, nota-se uma ligeira modificação nos costumes, pois que a identificação com a tribo era muito mais importante do que os próprios laços familiares de consanguinidade, propriamente ditos. Basta que se diga que, pelo fato de o Profeta Maomé ter sido membro da tribo Quraish, da região de Meca, até finais do século XVI somente algum membro dessa tribo poderia ocupar o cargo de “Califa de Todo o Islã”.

Nota curiosa: malgrado o fato de constituir atividade antiquíssima, o Primeiro Congresso Internacional de Heráldica e Genealogia só foi realizado no ano de 1928, na cidade de Barcelona, na Espanha.

5 – UMA NOVA VISÃO DO ASSUNTO

Dependendo do ponto de vista de cada um, a palavra GENEALOGIA poderá ter mais de um significado, a exemplo dos seguintes:

– Genealogia é o estudo dos descendentes de uma família, ou de um ancestral específico, daquela família.

– Genealogia é o estudo da ancestralidade do homem, através de sua descendência.

– Genealogia é a ciência da origem dos antepassados de um indivíduo.

– Genealogia é a enumeração dos ancestrais de uma pessoa, na ordem natural de sucessão.

– Genealogia é o estudo da história familiar.

No passado não muito distante, sobretudo naquelas sociedades onde o analfabetismo era predominante, a “linhagem da família” – isto é, as informações sobre quem descendia de quem – eram transmitidas por via oral – isto é, narrada vezes sem conta, pelos elementos mais velhos para os elementos mais novos, que as recontavam para seus descendentes, e assim por diante, gerações após gerações.

A história das doze tribos de Israel constitui um dos registros mais notáveis, desse tipo de “tradição oral”.



Princípio da Hereditariedade

No mundo ocidental, a partir do século II, a genealogia assumiu particular importância ao ser conectada ao princípio da hereditariedade, através do qual somente o descendente direto de alguém – conhecido e reconhecido por todos – poderia herdar os bens e propriedades deixadas pelo ancestral falecido. Mais tarde, em face da reorganização do sistema político em torno da “nobreza”, os bens de herança passaram a incluir até mesmo o grau nobiliárquico do falecido.

A preocupação com a descendência e, indiretamente, com a titulação de nobreza dos indivíduos refletiu-se, algum tempo depois, na heráldica, de modo que um simples “brasão de armas” passou a incorporar uma quantidade significativa de informações genealógicas.

Advento da República

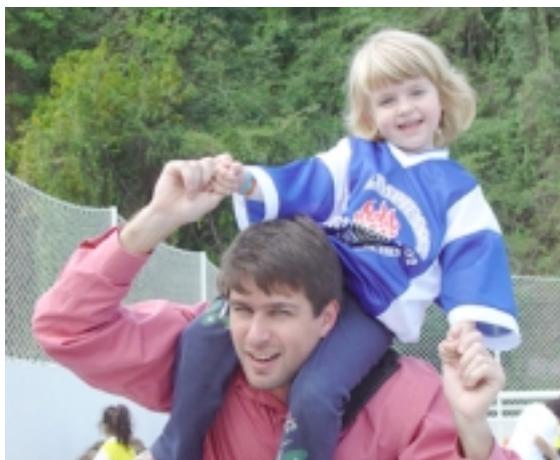
Numa decorrência das revoluções sociais que abalaram o mundo, a partir do século XVIII, sobretudo na Europa, que derrubou o antigo sistema político das monarquias, a instituição da realeza – que até então era o grupo que mais privilegiava os levantamentos genealógicos – ficou afetada e, com ela, a distinção classista dos nobres. Tal fato contribuiu, seguramente, para o desencorajamento dos estudos genealógicos mais profundos, sobretudo no decorrer da revolução francesa, pelo temor que se tinha, no período de convulsão social mais intensa, de atrair a suspeita das camadas revolucionárias, fato esse que poderia resultar na condenação à morte dos cidadãos considerados suspeitos de terem ligações com a nobreza deposta.

Os anos se passaram e, com a irreversibilidade do poder nas mãos do povo, desapareceu o antigo rancor das classes menos favorecidas em relação aos assuntos da nobreza. A prova disso é a atenção curiosa com que os povos dos chamados “países republicanos” reverenciam, com tantos cuidados e atenções, os membros das poucas famílias coroadas que ainda restam em alguns países da Europa, da Ásia e da África.

Um outro fator muito importante, a ser levado em consideração, e que contribuiu para maior aceitação dos estudos genealógicos amadorísticos diz respeito à massificação da vida do homem moder-

no, que praticamente não passa de um número estatístico insignificante, perdido na vastidão das grandes cidades, sem nada que o distinga dos demais cidadãos a não ser que ele se revele um atleta de certa notoriedade, um bem sucedido artista de cinema ou de televisão, ou coisa que o valha – o que não se aplica à maioria de nós, pobres mortais, desprovidos de qualquer atrativo excepcional que nos distinga.

Esse homem moderno, desejoso de sair do anonimato avassalador, passou a interessar-se pela identificação dos seus antepassados, dando ensejo ao ressurgimento do renovado interesse pela genealogia.



João Candido e Camille – filho e neta do autor – (2001).

Recuperando o Prestígio

De um sistema político que reconhecia a monarquia absolutista, “de direito divino”, as sociedades modernas evoluíram para um sistema monárquico com representação e, posteriormente, para o sistema republicano puro e simples.

A partir do século XIX, numa decorrência da adoção quase generalizada do sistema republicano na maioria dos países do mundo, a nova classe de cidadãos, como simples indivíduos que passaram a ser, já não mais atribuíam tanta importância e nem se preocupavam em

definir a linhagem de quem quer que seja visto que, perante a Lei, todos os cidadãos são iguais, não mais sendo reconhecidas as titulações de Barão, Conde, Duque, etc. Excetua-se o reconhecimento tácito e até mesmo “oficial” em alguns casos específicos – da linhagem ou descendência dos elementos que integram certas famílias específicas, os assim denominados “membros de casas reais” do país.

O fato é que, nos tempos modernos, o “status social” dos indivíduos residentes numa “República” já não mais se baseia na sua descendência genealógica e sim nos seus feitos pessoais, individuais, à exemplo de artistas famosos, de jogadores habilidosos, de escritores de destaque, de atletas, etc., etc. A propósito disso, vale a pena citar uma frase dita pelo ex-rei Farouk, do Egito, após ter sido deposto por um golpe militar liderado pelo Coronel Gamal Abdel Nasser:

“Daqui a cem anos, teremos no mundo apenas cinco reis: o de paus, o de ouros, o de espadas, o de copas (isto é, os quatro reis do baralho) e o rei da Inglaterra”.

Ou seja, o ex-rei Farouk previa a queda de todos os regimes monárquicos, do mundo, menos aquele em vigor na tradicionalista Inglaterra. O noticiário da imprensa está aí, para confirmar essa tendência, a deposição monárquica mais recente tendo sido o da Birmânia.

Ser Brasileiro

O Brasil é um país novo, de história recente. País democrático e livre, para cá vieram milhares de colonizadores portugueses – quase todos gente do povo – que aqui se juntaram a índios, negros africanos, imigrantes suíços (fundadores da primeira colônia européia, não-portuguesa, no Brasil), italianos, alemães, japoneses, franceses, chineses, indianos, árabes, turcos, judeus de várias nacionalidades, etc., etc., formando uma nova combinação de raças que deu origem ao povo brasileiro.

Eu, você, assim como a maioria dos brasileiros que conheço, somos produtos dessa mistura. Somos “brasileiros” – qualquer que seja o seu significado – resultantes da mistura de sangue português com sangue índio (a minha trisavó, Dionísia, era uma índia Cariri) ou

com o sangue de outras raças, incluindo-se aí os negros e os asiáticos.

Na condição de homem do povo, a minha auto-percepção e consciência de ser brasileiro é, para mim, mais importante do que “ser isto ou aquilo”. Essa percepção é tão forte que, mesmo no decorrer dos dois anos de minha estada nos Estados Unidos da América do Norte, ainda que pisando o solo daquele país, é curioso dizer que, para mim, da maneira como eu me sentia, **os estrangeiros** eram eles, e não eu, que teimosamente continuava a me sentir brasileiro. Daí que o levantamento genealógico realizado por mim não teve outro objetivo que não aquele de deixar, para os meus netos, algumas informações sobre as origens da família.

Ou seja, além do legado genético – isto é, os meus cromossomos, transmitidos através dos meus filhos – também pretendo deixar um legado afetivo – a história das famílias que lhes deram origem, a história dos nossos ancestrais.

– Também você não estaria pensando do mesmo modo que eu?